

EDITORIAL

A Experiência Interior do Delírio Inicial The Inner Experience of the Initial Delirium

ANTÓNIO BRACINHA VIEIRA*¹

1. Centro de Filosofia das Ciências da Universidade de Lisboa, Lisbon, Portugal

Quando o delírio irrompe, o mesmo acidente que corta a continuidade de sentido das vivências altera a consciência dos limites do Eu. Os significados alteram-se e as referências perdem-se. O delirante sente-se envolvido numa atmosfera brumosa de presságios. Surpresa e angústia perante um mundo que de súbito se transfigura e se torna inquietante, como se um formidável abalo interrompesse os passos daquele que julgava caminhar por terra firme, e cuja marcha perde então o rumo, dividindo as opções do caminhante entre imobilidade e a fuga. O delirante é literalmente acossado pelo novo cenário em que se sente envolvido: fica separado do contexto, dominado pela perplexidade e o terror, vislumbra ameaças vagas, mas profundas. A empatia com os seres familiares perde-se, porque novos e misteriosos dados entram em cena. Os estudos clássicos de Karl Jaspers e Jakob Wyrtsch estabeleceram o quadro antropológico minucioso.¹

Eis a descrição traçada por Rümke deste fenómeno: «O delírio é precedido pela vivência de uma disposição particular, que ele [Jaspers] chama *diffuse wahnstimmung*, humor delirante difuso – experiência indescritível, sombria, profundamente carregada de presságios, envolvida de angústia, tomada do pressentimento de um desastre iminente e de ameaça pessoal, comportando a consciência de coisas desconhecidas, indefiníveis e caóticas. O sujeito ignora o que o ameaça e de onde está ameaçado, mas intui que algo de um grande horror se esconde em tudo. E quando esta situação se clarifica e sistematiza num delírio explícito e verbalizável, daí advém um verdadeiro alívio.»^{2,3}

Já o tempo vivido do delirante se fragmenta e dissocia do tempo da comunidade, ao fixar a sua atenção nos sinais de alarme do cenário transfigurado que o envolve. Ei-lo com uma nova perspetiva das coisas, que exige dele um novo modo de estar-no-mundo, um conjunto de avaliações e respostas que ainda não estão ao seu alcance. Sente e sabe que é a ele que os objetos – seres humanos e outros – dirigem sinais, cuja decifração não é fácil, mas desperta matizes profundos da emoção. O delirante está como em

terra estranha, e a atenção fica em alerta, convocando as explicações possíveis. Perscruta indícios. O que designam? Que papel lhe reserva naquilo que se prepara? Que força exterior se interessa pelo seu destino? Os próprios objetos inanimados podem-lhe enviar sinais: a posição dos móveis, percebe-a inamistosa; os ruídos do motor do carro fragmentam-se em murmúrios; sons da noite e da rua, distantes, que mal-entende, dizem-lhe respeito; nos olhares, nos jornais, nos *media*, julga ver alusões, advertências, censuras. Que decifração poderá clarificar estes sinais? E em que abrigo opaco poderá proteger-se?

A situação que vive aproxima-se então do que Rudolf Otto, no seu livro hoje clássico *Das Heilige* (o sagrado) chamou *numinoso*, uma mistura de algo imenso, assustador e indefinível que paira. Em epígrafe deste livro estão uns versos do ‘Segundo Fausto’ de Goethe que resumem a situação: «O que há de melhor no homem é poder estremececer. / O mundo faz-lhe pagar caro um tal sentir, / Tocado, o homem emociona-se profundamente perante o enorme.» – O delirante, incapaz de transmitir a sua vivência e o seu desamparo, torna-se solitário e, nele, a solidão torna-se separação. O seu acesso a um mundo adverso designa-lhe a própria alteridade. Desamparo e perda da *koinonia*, da comunidade, e do sentimento protetor de lhe pertencer, com as suas crenças e mesmo com as suas querelas. [Há um léxico dos psicopatologistas, retirado do grego e do latim, para denominar estados peculiares, e é irónico compará-lo com a ‘esquizofasia’ dos doentes esquizofrénicos, a sua linguagem de neologismos, que também se destina a denominar vivências singulares].

Entretanto, o redemoinho que assalta o delirante infiltra-se no seu ser e dissocia a sua vontade, interferindo com a sua identidade. É daí que decorre um grupo de sintomas a que se poderia chamar ‘de não pertença’, em que o delirante se sente espoliado da sua privacidade e pode oferecer-se como um autómato às forças exteriores desencadeadas, como uma bússola levada junto ao polo magnético da Terra, cuja agulha não consegue orientar-nos. As percepções

Recebido/Received: 2019-08-29

Aceite/Accepted: 2019-08-29

Publicado/Published: 2020-01-23

* Autor correspondente/Corresponding Author: António Bracinha Vieira | Centro de Filosofia das Ciências da Universidade de Lisboa, Campo Grande. 1749-016 Lisboa Portugal

© Autor (es) (ou seu (s) empregador (es)) 2019. Reutilização permitida de acordo com CC BY-NC. Nenhuma reutilização comercial/© Author(s) (or their employer(s)) 2019. Re-use permitted under CC BY-NC. No commercial re-use.

que forma, intensas no efeito, mas indefinidas no significado, não lhe consentem um entendimento claro do que acontece, e abrem na sua consciência um campo de forças volitivo concentrado na explicitação do que se joga.

Já a hermenêutica dos sinais captados afasta o delirante do senso comum. O seu discurso, vivido em interioridade, dissocia-se da lógica. O sujeito sente-se separado do contexto, isolado e rejeitado pela comunidade. O herói grego Ajax, na tragédia de Sófocles que toma o seu nome, pergunta-se, uma vez que cai sobre ele a *áte*, a loucura: «E agora, o que fazer? Os deuses detestam-me, os Gregos da armada execram-me. Sou odioso à Tróada inteira, e às próprias planícies diante dos meus olhos.»⁴ Há que assinalar, contudo, a consciência grega da loucura como a de uma influência exterior, decidida e desencadeada pelos deuses e descendo deles sobre as vítimas.

Isolado no seu temor, o delirante sente-se acochado e entregado a si próprio, em solidão extrema, como o mostrou Kunz. Quem poderá acompanhá-lo na viagem a que se vê condenado? Assalta-o a estranheza: o discurso, nos planos diversos das palavras, da sintaxe e da semântica, perturba-se; a mímica, que exprime a gramática universal das emoções, a prosódia, os gestos semânticos, que são uma vertente não-verbal da linguagem, a postura, a motórica, o ritmo dos movimentos, tudo nele se altera ante a perplexidade que o toma. E podemos observar as suas reticências, paramímias, perda da naturalidade e da espontaneidade, maneirismos. O afeto é como sonogado àqueles mesmos que antes o mereciam; e as respostas do delirante a perguntas do interlocutor são enviesadas e incongruentes. Jacob Wyrsch⁵ anotou que uma entrevista malconduzida pode então comprometer toda a relação terapêutica.

O famoso livro de Klaus Conrad, *A esquizofrenia inicial (Die beginnende schizophrenie)*, de 1958, sintetizou a evolução das esquizofrenias segundo um modelo evolutivo, na perspetiva da fenomenologia existencial e da psicologia da forma.⁶ O processo começaria com o *trema*, caracterizado pelo delírio inicial difuso, prolongando-se por uma fase que denominou *apofânica*, com atribuição de significados às vivências inaugurais, e outra fase *anastrófica*, correspondendo à mutação ptolomaica do Eu, que se percebe então a si mesmo como estando no centro de acontecimentos significativos.

O núcleo do Eu, abalado, cede a sua unicidade, e pode sobrevir perda dos limites do corpo e da consciência, o que supõe alienarem-se a vontade e a privacidade. O ‘síndrome de ação exterior’, de Kronfeld, define este estado passivo em que o pensamento é suposto vir de fora, qual força impertinente que toma o lugar da vontade própria. O delirante vivencia experiências de imposição, às vezes de expropriação do pensamento. É privado da sua liberdade e da sua identidade. A perplexidade inicial torna-se revelação, que, ao ser decifrada pelo viés de interpretações, esbate a angústia do indizível.

Se e quando novos surtos sobrevêm, o delirante experimenta um recrudescer de estranheza e de separação com o mundo externo. Todo o processo evolui por fim para a fase *residual*, com delírio encapsulado e defeito, podendo ou não atravessar uma fase *apocalíptica*, expressa

cl clinicamente pelo síndrome catatónico nalguma das suas manifestações, acinética ou hipercinética. Na fase terminal, o delirante sofre empobrecimento do delírio e das alucinações e esfriamento dos sobressaltos iniciais de humor. É relegado para a condição de alguém esvaziado de sentimentos próprios, habitado por troços incoerentes de delírio e por fragmentos alucinatórios. O Eu transforma-se num mero invólucro que evoca o corpo vazio sem órgãos, que poderá corresponder ao famoso *corps vide sans organes* proposto em *L'anti-Oedipe*, por Gilles Deleuze e Félix Guattari.

Assim, o *trema* inicia o processo, situando o delirante na emergência de um estado que o retira à ponderação crítica da realidade: a sua situação foi comparada à de um ator ao sair de cena, na charneira entre dois mundos e duas realidades mutuamente incompatíveis. Quanto ao mundo anterior à erupção do delírio, o delirante não o reconhece mais: o que lhe era íntimo e próximo torna-se-lhe de uma hostil estranheza. Jürg Zutt observou que, mesmo perante as fisionomias humanas mais familiares, o delirante experimenta apreensão. De resto, o inteiro ambiente torna-se-lhe suspeito. Suponham o ânimo de Teseu em pleno labirinto, pressentindo já a proximidade do Minotauro, ao verificar que o fio de Ariana se partira e o rumo do regresso se perdera.

Ao abalo inicial corresponde uma nova configuração do mundo, que desconjunta a adequação entre vivências e comportamentos; segue-se a atribuição de novos significados às coisas percebidas, e o equívoco de perceções falseadas, que anunciam o novo estar no mundo. Conduzem à procura de novas explicações e implicam a adoção de uma nova atitude. Por insólito que pareça, o ponto de partida do delírio tem alguma analogia com a atitude filosófica – e a semelhança está em que filósofo e delirante se sentem ambos possuídos por um estranhamento que os incita à decifração. Mas onde o filósofo delimita o terreno e procura um método que conduza à evidência para resolução dos problemas, o delirante perde a razão crítica e perde-se na sua noite.

Gruhle notou a «dupla compatibilidade» na formação do delírio. O delirante capta dos objetos significados simbólicos, que são como alternativas ao seu significado comum, tidas por ele como revelação e assumidas como fonte de inspiração. Há uma sobredeterminação do Eu assim exposto ao desconhecido no qual entra de súbito, como se um cenário de teatro se rasgasse à sua frente, mostrando ao fundo uma realidade inquietante por sob a anterior aparência, serena, mas enganadora. Numa carta de Hölderlin, escrita em 1802 – quando um médico declarava a seu respeito: «A sua loucura deflagra em frenesim, e é impossível compreender-lhe a linguagem, mistura de alemão, latim e grego» – podemos ler: «Temo assemelhar-me ao antigo Tântalo, que recebeu dos deuses mais dádivas do que pôde suportar». Num hino composto um pouco antes, escrevera: «E de súbito chega e cai sobre nós / a Estrangeira, / a que nos desperta.»

Ao sentimento de estranheza vivenciado pelo delirante face à metamorfose do seu mundo, responde o sentimento de estranheza experimentado pelo interlocutor perante o delirante, a sensação que Rümke denominou *Praecoxfühlung*.

A possibilidade de contacto e de convívio do delirante inicial está degradada; a empatia reduz-se a um ponto tal que o interlocutor pode sentir opacidade perante o afeto desajustado e o discurso paradoxal. Perde-se a comum medida na comunicação entre o delirante e o interlocutor. O limite extremo da estranheza dá-se quando sobrevém a catatonía: a comunicação fica então bloqueada. O negativismo apossa-se do doente sob a forma de experiências de passividade, que culminam na imobilidade estatuária e, por vezes, nas respostas em eco (ecolália, ecocínésia, ecómímia, ecopraxia), que exprimem um negativismo radical. A tentativa de obter entendimento do que se passa em volta, que leva a interpretações enviesadas dos factos, corresponde à nova relação estabelecida com o ambiente alterado. Pessoas, sítios e comportamentos dos mais familiares tornam-se suspeitos: a resposta é de desconfiança e alerta. E, quando o delirante regressa da sua viagem inicial, conserva uma memória nebulosa da experiência vivida a um nível quase onírico. Nerval escreve no seu poema em prosa *Aurélia*,⁷ em que rememora a aventura interior, para ele então ainda recente, do humor delirante: «Comparo a série de provas que atravessei ao que, para os Antigos, representava a ideia de uma descida aos Infernos.» Compara-se assim aos heróis antigos, Ulisses, Orfeu, Eneias, e também Dante, que desceram ao Hades e se confrontaram com estranhas visões.

Podemos encontrar um eco desta situação e deste *Dasein* na literatura. Três escritores me parecem ilustrá-los exemplarmente: Kafka,⁸ nos seus romances (sobretudo *O processo*) mas também nalguns dos seus contos (por exemplo *A muralha da China*); Strindberg, no monólogo *Ensam*, que se pode traduzir por *Só*⁹; e Camus, na narrativa *La chute*.¹⁰ Em todos estes textos paira um ambiente enevoado de segredo e ameaça, cheio de indícios e aberto a interpretações, recomendando aos protagonistas a maior circunspeção. Sempre estes permanecem atónitos e com a atenção alerta, como no conto inacabado *A toca*, que Kafka deixou abandonado e Max Brod recuperou para os leitores futuros. – «Por mais que procure – confessa a si mesmo o narrador, que se barricara no subsolo – nada encontro. Ou melhor, encontro coisas de mais.» E, logo adiante: «O que está a acontecer é algo que desde sempre eu deveria ter temido, é um acontecimento para o qual desde sempre me deveria ter preparado: alguém está para chegar.» E Strindberg, em *Inferno*, de 1895¹¹: «Experimentei um mal-estar inexplicável, acompanhado do pressentimento de novos desastres.»

O delirante adivinha presenças no horizonte do seu vazio. Essas presenças evocam nele um sentimento de mal-estar. Ouçamos o poeta Lenz, no livro de Büchner¹² que tem o seu nome e foi escrito mais de meio século depois da sua morte: «Será que não ouvem nada? Não ouvem esta voz assustadora que urra por todo o horizonte e a que se costuma chamar o silêncio?» E o protagonista de Albert Camus em *La chute*¹⁰: «Um riso explodiu atrás de mim. Virei-me de repente, de espanto: não havia ninguém. (...) O riso continuou a flutuar à minha volta, sem que os meus esforços conseguissem retirar-lhe o que tinha de benevolente e me incomodava.» E mais abaixo: «Não ouve os gritos de

gaiotas invisíveis? Se gritam para nós, a que será que nos convocam?» – Aqui, como veem, o insólito da situação é já ilustrado, sublinhado por alucinações. Tudo se centra na descodificação de mensagens e vozes.

O mesmo em *Légendes*¹³ (uma narrativa que, tal como *Inferno*, Strindberg escreveu diretamente em francês, num francês rude e vigoroso): «Agora, a noite consoladora deixou-me e as trevas apavoram-me». E por fim: «Tudo isto evoluiu, contudo, até formar um sistema completo de significações que começo a compreender e do qual experimento a justeza.» – Porque o delirante não procura mais a causalidade no mundo exterior, para explicar as experiências que o assaltam: procura, sim, entendê-las no seu foro íntimo, e para o conseguir arquiteta um sistema subjetivo de interpretações. Ora, a essência do delírio está no convolar das interpretações em provas irrefutáveis, ignorando a caução da prova.

Por vezes, a psicose não é anunciada pelo trema, mas decorre de um desenvolvimento delirante da personalidade. Nestes casos, a tendência esquizóide germinada na pessoa, e que acompanha a própria definição do Eu, costuma sofrer rutura e desintegração a partir de uma vivência-chave, acontecimento sobre determinado e auto-referido, a partir do qual e em função do qual se dá o descarrilamento da realidade e sobrevém a perda de continuidade de sentido da existência.

Desde que o delírio passa além do estado difuso inicial e começa a sistematizar-se, o doente experimenta certa serenidade e começa a fechar-se sobre as suas ‘certezas’ delirantes. A experiência inicial, tempestuosa, esfria; consolidam-se as novas convicções, que são como uma explicação subjetiva para a metamorfose operada do viver. Doravante, desde que um sistema de interpretações se vai cristalizando, é como se o delirante vivesse uma religião privada, um conjunto de crenças extremadas e irrefutáveis, que não consegue partilhar. Procura e supõe enfim ter encontrado as causas e os objetos responsáveis do sobresalto inicial, que se lhe afirmam enfim como *Gestalten* de pregnância obstinada.

Da intriga antes desencadeada julga ter encontrado os autores. As alucinações tornam-se mais precisas e discursivas, e trazem ilustração aos seus temores. E o juízo crítico toma nele uma tal desproporção subjetiva que as interpretações se tornam crenças impermeáveis à refutação, sustentadas por extremados juízos de valor, enquanto o juízo da realidade se desagrega e esvai. Na deriva ptolomaica que o toma e consiste na convicção viva de estar no centro (dos acontecimentos, de uma intriga), interpreta unilateralmente os olhares que lhe dirigem, os comentários, os sorrisos, risos e censuras de que admite ser alvo.

Ouçamos o protagonista do monólogo *Só*, de Strindberg,⁹ no qual, há que dizer, o herói-narrador se apresenta ao leitor como cúmplice e *alter ego* do autor: «Creem ter o direito de olhar quem encontram, embora eu não perceba de onde tiram esse direito. Considero (esses olhares) uma intromissão, uma espécie de violência contra a minha pessoa. No mínimo, uma insolência.» E quando o delírio difuso começa a organizar-se, o Eu está enfraquecido e esvaziado e sente-se aberto a influências estranhas: «Percebo

os meus próprios pensamentos como palavras pronunciadas; sinto-me em relação telepática com todos os amigos, parentes e inimigos longínquos; mantenho com eles longas conversas ordenadas.» (*Op. cit.*)

Uma das causas do drama profundo e do desespero dos delirantes decorre de que, desde que um sistema de delírio se delinea e fixa, as convicções articulam-se e reforçam-se numa totalidade que o sujeito não pode partilhar. A vivência esquizofrénica não é um somatório de sintomas, mas uma maneira deformada de estar no mundo e de conviver. Assim se agravam as convicções e a solidão do delirante, como se vivesse um mito ou a religião privada que para si inventou. Mas enquanto o mito e a religião respondem a dúvidas inacessíveis à razão (porque estamos no mundo, qual o nosso destino, etc.), o delírio não beneficia desta força ordenadora, apaziguadora e identitária: pelo contrário, as conexões delirantes – que se podem estabelecer ‘em sector’ ou ‘em rede’, conforme incidem num tema ou se estendem à totalidade da consciência – agravam a separação do senso comum, que se torna irremediável.

O delirante é como o criador do seu próprio mito, no qual permanece a figura central em função da qual tudo se organiza. A partir desse novo enredo julga aceder a uma nova explicação do mundo, capaz de esclarecer o seu mundo. Maurice Blanchot, o grande escritor, o grande crítico, no prefácio à edição francesa do livro de Karl Jaspers, *Strindberg et Van Gogh*,¹ escreveu sobre os delirantes estas palavras sibilinas: «Não sabem como desembaraçar-se do seu novo saber.»

Entretanto, as emoções exaltadas e os afetos desajustados declinam e apagam-se. De onde a exclamação do Fausto de Lenau,¹⁴ escritor ele próprio delirante: «Todas as criaturas me opõem um silêncio obstinado!» Mais tarde, pode sobrevir um dos fenómenos mais singulares do processo esquizofrénico: a inversão de papéis, pela qual o delirante, de influenciado, passa a influenciador, e de perseguido se torna perseguidor. Ele, que estava à mercê de forças exteriores desencadeadas em seu redor que o apoucavam, sofre uma mutante da relação com o ambiente e supõe-se agora capaz de devolver hostilidade e ameaçar o mundo: um gesto seu, uma palavra, um pensamento, podem aniquilar o universo. E percebemos o valor de restituição desta balança de perspectiva, que a um eu abalado e vazio substitui a convicção de onipotência. Mas estamos bem longe do estado inicial do delírio.

Depois desta utilização abusiva da literatura, uma palavra sobre as núpcias da loucura e do génio literário. Sabemos que são compatíveis, e que em certos meridianos se cruzam e completam. O olhar da loucura obtém da natureza, e da própria substância das palavras, incidências novas, imprevisíveis para o olhar comum, que lhe revelam visibilidades insuspeitadas. As literaturas do delírio colhem do real o que não se esperava: por isso, estes olhares não coincidentes com os nossos dão-nos a ver o que era visível, mas o hábito, ou o preconceito, ou a norma cultural, nos encobriam. E se a loucura alarga o espaço do visível e o estende a espaços inauditos, a psiquiatria não pode explicar senão meros conteúdos da alta literatura do delírio: o génio literário não se deixa aprisionar na rede da psicopatologia, seja ela fenomenológica ou psicanalítica.

Dito isto, há que reconhecer que a subtilidade das análises da fenomenologia compreensiva perdeu muito da sua importância clínica nas últimas duas décadas e até ao momento presente. Os novos meios terapêuticos, e sobretudo os neurolépticos atípicos, atenuam ou suprimem os sintomas produtivos desde as suas primeiras manifestações. Por isso, mudaram radicalmente o tratamento dos sintomas e o prognóstico das doenças esquizofrénicas, principalmente no que respeita ao comportamento destes doentes. E, como correlato, o recorte evolutivo da esquizofrenia (ou, melhor dizendo, das esquizofrenias) não se desenrola mais segundo o padrão clássico, e raras vezes – pelo menos no hemisfério norte – se pode observar a sucessão encadeada de fases e síndromos típicos da história natural das psicoses deste grupo.

As grandes síndromes, com a sua constelação de sintomas, desaparecem desde a primeira assistência especializada. Não vemos mais as catatonias, o síndrome de Cotard, os delírios induzidos, a heautosopia externa, o delírio de sócia, o delírio megalómano de forma expansiva. Em paralelo, a histeria de conversão viu reduzir-se a teatralidade expressiva dos sintomas. Esta psicopatologia dos quadros clínicos atenuados e como que diluídos desempenha ainda assim um papel semiológico, de valor central na clínica (como entender o doente no seu mundo, como aumentar o valor terapêutico da entrevista, como distinguir subtipos nosológicos e síndromicos e obter um diagnóstico válido e fundado que conduza a um tratamento eficaz).

Na minha formação, tanto quanto na minha prática clínica, a psicopatologia desempenhou um papel de grelha de leitura de uma antropologia fenomenológica, clarificando as modalidades possíveis da existência. Traça, por forma que se pode intuir, acompanhar e entender, as situações-limite dos humanos em situação no mundo. Pertence ao lado compreensivo da ciência, postulado no início do século XX pelos filósofos de língua alemã Wilhelm Dilthey, Franz Brentano e Alexius Meinong. Por reflexo, anuncia um outro objetivo: compreender as variações humanas até à misteriosa encruzilhada entre o normal e o patológico – porventura falsa dicotomia – que aqui nos reúne.

Neste contexto, se a psicopatologia perdeu algo do seu relevo para o diagnóstico diferencial dos síndromos e tipos da doença, se perdeu intensidade para a deliberação terapêutica, mantém toda a sua importância para a compreensão dos traços nativos da natureza humana, das suas capacidades e limites, incluindo as estruturas psicopatológicas básicas, que animam cada um de nós no seu mundo interior e no seu projeto. Porque, realmente, a loucura não inventa nada, antes altera em vários graus o estar-no-mundo dos doentes, em desproporção, às vezes extrema, mas sempre com os materiais básicos do psiquismo humano, que são as formas gerais de reação, em número limitado.

Afinal, a estrutura psicopatológica de base do homem suposto normal é uma construção, decerto precária, onde transparece a possibilidade da loucura, nesse ser particular que é o homem, «animal perturbável», recordava Barahona Fernandes. – Eis, pois, o projeto: Compreender os limites da psicose enquanto traves-mestras de um modelo unificador que responda à famosa pergunta: «O que é o

homem?»; e clarificar a fenomenologia dos delírios e outros estados patológicos, não tanto já para cuidar dos doentes como para desvendamento do humano.

Responsabilidades Éticas

Conflitos de Interesse: Os autores declaram não possuir conflitos de interesse.

Suporte Financeiro: O presente trabalho não foi suportado por nenhum subsídio o bolsa ou bolsa.

Proveniência e Revisão por Pares: Comissionado; sem revisão externa por pares.

Ethical Disclosures

Conflicts of interest: The authors have no conflicts of interest to declare.

Financial Support: This work has not received any contribution grant or scholarship.

Provenance and Peer Review: Commissioned; without externally peer reviewed.

Referências

1. Blanchot M. La folie par excellence. Jaspers K. Strindberg et Van Gogh, Swedenborg – Hölderlin. Paris: Minuit; 1953.
2. Jaspers K. Psicopatologia Geral. Rio de Janeiro: Livraria Atheneu; 1973.
3. Rümke, HC. Signification de la phénoménologie dans l'étude clinique des délirants. Congrès International de Psychiatrie. Paris: P. Psychiatrie générale (Le François); 1950.
4. Dain A. and Mazon P. Sophocle, Tragédies. Paris: Les Belles Lettres; 2009.
5. Wyrsh J. La Personne du schizophrène. Etude clinique, psychologique, anthropophénoménologique. Paris: Presses Universitaires de France; 1956.
6. Fish F. Die Beginnende Schizophrenie. By K. Conrad Georg Thieme, Stuttgart, 1958. J Mental Sci. 1960; 106:1595-8.
7. Nerval G. Aurélia. Paris: Lachenal & Ritter; 1983.
8. Kafka F. La muraille de Chine et autres récits. Paris: Gallimard; 1994.
9. Strindberg A. Solo. Traducción de Manuel Abella. Barcelona: Marmara; 2016.
10. Camus A. La chute. Paris: Gallimard; 1956.
11. Strindberg A. Inferno. Traducción de José Ramón Monreal. Barcelona: Marmara; 2002.
12. Büchner HG. Lenz. Berlin: Suhrkamp, 1998. Brooklyn: Archipelago Books; 2005.
13. Strindberg A. Légendes. Paris: Mercure de France; 1967.
14. Bianquis G. Faust à travers quatre siècles. Titres Inactifs. Paris: Aubier Montaigne; 1955.